



### VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DE JOVENS MARANHENSES: UM ESTUDO PRELIMINAR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DOS JOVENS BRASILEIROS

Davi Pereira de Souza (UFPA)<sup>1</sup>  
[davips312@gmail.com](mailto:davips312@gmail.com)

Abdelhak Razky (UFPA/UNB)<sup>2</sup>  
[arazky@gmail.com](mailto:arazky@gmail.com)

**RESUMO:** A Dialetoologia tradicional, visando ao registro dos dialetos produzidos majoritariamente no campo, em lugares longínquos, com pouca mobilidade social e espacial, interessava-se muito mais pela fala de informantes adultos, mormente idosos, que pela fala da juventude. Todavia, com o passar dos anos, no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada e dinâmica, percebeu-se a necessidade de se desenvolverem técnicas e recursos que pudessem dar conta da variação linguística em projeção multidimensional, como o fazem atualmente a Dialetoologia Pluridimensional e a Geossociolinguística. Neste contexto, o presente trabalho objetiva descrever a variação lexical presente na fala de jovens maranhenses, considerando a variável idade e precipuamente o fator sexo. Para tanto, guiando-se pelas orientações teórico-metodológicas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), aplicou-se um questionário semântico-lexical composto de 60 perguntas relacionadas aos campos semânticos: COMPORTAMENTO E CONVÍVIO SOCIAL, COMPORTAMENTO E VIVÊNCIA ESCOLARES, RELAÇÕES AFETIVAS, REDES SOCIAIS E JOGOS, VESTUÁRIO E APARÊNCIA. Foram selecionados oito informantes, quatro meninos e quatro meninas, todos cursando o primeiro ano do ensino médio de uma escola pública estadual do Maranhão. A pesquisa está embasada teoricamente nos pressupostos da Dialetoologia Contemporânea, que inclui no escopo de sua metodologia princípios e conceitos oriundos da Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 [2006]; LABOV, 1972 [2008]). Mais especificamente, trata-se de uma abordagem Geossociolinguística (RAZKY, 2003). Os resultados indicam que as variantes mais frequentes foram: *preguiça* (questão 6), *treta* (questão 22), *gay*, *qualira* (questão 35), *mão de vaca* (questão 2), *caloteiro* (questão 3), *alcoólatra* (questão 4), *bullying* (questão 5), *uma ligação* (questão 14), *mico* (questão 17), *mão leve* (questão 18), *lisa* (questão 25) e *ônibus* (questão 30), nas quais o fator sexo se mostrou relativamente pertinente. Percebeu-se, também, que a escolha de algumas variantes permite refletir sobre a dimensão sociocultural em que estão inseridos os informantes, revelando juízos de valor, preconceito e machismo subjacentes ao uso de determinadas formas linguísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geossociolinguística; Variação lexical; Fala da juventude.

**ABSTRACT:** Traditional Dialectology, aiming to register the dialects produced mainly from fieldwork, in distant places, with limited social and spatial mobility, was much more interested in the speech of adult informants, especially elderly people, than in the speech of youth. However, over the years, in the context of an increasingly globalized and dynamic society, a need was felt to develop techniques and resources that could account for the linguistic variation in multidimensional projection, as do Pluridimensional

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Bolsista CNPq.

<sup>2</sup> Universidade de Brasília – UnB e Universidade Federal do Pará – UFPA/CNPQ. Departamento de Letras – Linguística. Doutor em Linguística. Pós-doutor em Linguística.



Dialectology and Geosociolinguistics perspectives. In this context, the present work aims to describe the lexical variation present in the speech of young maranhenses, considering age variable and sex variables. For this, a semantic-lexical questionnaire composed of 60 questions was applied, following the theoretical-methodological guidelines of the Brazilian Linguistic Atlas Project (ALiB), related to semantic fields: BEHAVIOR AND SOCIAL CONVIVAL, SCHOOL BEHAVIOR AND LIVING, AFFECTIVE RELATIONS, SOCIAL NETWORKS AND GAMES, CLOTHING AND APPEARANCE. Eight informants were selected, four boys and four girls, all of them attending the first year of high school in a state public school in Maranhão. The research is based theoretically on the presuppositions of contemporary dialectology, which includes in the scope of its methodology principles and concepts originating from Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 [2006]; LABOV, 1972 [2008]) and more specifically from a geosociolinguistic approach (RAZKY, 2003). The results indicate that the most frequent lexical variants were: laziness (question 6), 'treta' (question 22), gay, 'qualira' (question 35), penny-pincher (question 2), dead-beat (question 3), alcoholic (question 4), bullying (question 5), a call (question 14), mico (question 17), 'mão leve' (question 18), 'lisa' (question 25) and 'ônibus' (question 30), in which the sex factor was relatively relevant. The results show also that the choice of some variants allows to reflect on the socio-cultural dimension in which the informants are inserted, revealing judgments of value, prejudice and machismo underlying the use of certain linguistic forms.

**KEYWORDS:** Geosociolinguistics; Lexical variation; Language of youth.

### 1 Introdução

Esta pesquisa integra um projeto de estudo mais amplo, orientado e coordenado pelo prof. Dr. Abdelhak Razky, sobre a fala dos jovens brasileiros, em perspectiva Geossociolinguística. Para isso, o referido pesquisador formou, no âmbito da disciplina de Sociolinguística<sup>3</sup>, 5 equipes de trabalho, distribuindo-as por cinco localidades, do Pará e de outros estados do Brasil, que fazem parte da rede de pontos do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB e/ou do Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALiPA (RAZKY, 1998).

Assim, para o caso específico deste trabalho, selecionou-se a cidade de São Luís (ponto 26 do ALiB), capital do estado do Maranhão, com o objetivo principal de descrever a variação lexical presente na fala de 8 (oito) informantes maranhenses, entre 15 e 16 anos, estratificados equitativamente conforme o sexo. Todos são alunos de escola pública estadual e cursam o 1º ano do ensino médio. Trata-se, portanto, de um estudo

---

<sup>3</sup> Trata-se da disciplina Sociolinguística (PPGLL0008), que fora ofertada e ministrada de forma semipresencial, pelo prof. Dr. Abdelhak Razky, no programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.



preliminar, enfatizando-se, neste primeiro momento, alguns aspectos linguísticos da variação lexical em correlação com a variável sexo.

De certo modo, a presente pesquisa inova, no âmbito dos estudos variacionistas, ao tratar especificamente da fala de jovens<sup>4</sup> com a idade já especificada. Isso se justifica porque, pelo que se sabe, ainda não há uma proposta dialetológica, sociolinguística ou mesmo geossociolinguística **específica** para tratar da variação no universo dos jovens. No que concerne à variável idade, a grande maioria dos trabalhos desenvolvidos nessas áreas não realiza estudo apenas com informantes jovens, mas combina tal faixa etária com outras, como a de geração mais velha, o que é totalmente compreensível dentro da proposta de cada trabalho. O ALiB, por exemplo, prevê em sua metodologia apenas duas faixas etárias – uma de 18 a 30 anos e outra de 50 a 65 anos (CARDOSO et al., 2013). Da mesma maneira, os demais atlas linguísticos já publicados no Brasil, bem como os grandes projetos sociolinguísticos brasileiros, como o NURC, PEUL e VARSUL, não consideram informantes com idade abaixo de 18 anos. Nesse sentido, o estudo que ora se apresenta constitui um dos primeiros passos para a construção de um possível atlas geossociolinguístico da fala dos jovens no Brasil, o que poderia revelar (ou não) peculiaridades linguísticas regionais presentes nesse universo, contribuindo para determinar em que medida as inovações, comumente associadas à fala da primeira faixa etária, se implementam no uso da língua.

A metodologia segue a orientação do Projeto ALiB no que tange à escolha da localidade, à seleção dos informantes e à aplicação do inquérito por meio de questionário. Contudo, houve necessidade de adaptação de alguns aspectos, sobretudo do questionário lexical, em função da natureza e do objetivo do estudo em pauta. A versão final do instrumento de coleta de dados conta com 60 perguntas, abrangendo cinco campos semânticos: COMPORTAMENTO E CONVÍVIO SOCIAL, COMPORTAMENTO E VIVÊNCIA ESCOLARES, RELAÇÕES AFETIVAS, REDES SOCIAIS E JOGOS, VESTUÁRIO E APARÊNCIA.

---

<sup>4</sup> Ao longo do artigo, será utilizado o termo *jovem(ns)* como hiperônimo para referir-se aos informantes pesquisados.

Com respeito aos informantes, foram considerados, além das orientações de Cardoso (2010), os seguintes critérios: ser jovem entre 15 e 17 anos; ser maranhense e filho de pais preferencialmente também maranhenses e; estar cursando o ensino médio em escola pública ou particular. Assim, foram selecionados oito informantes, quatro meninos e quatro meninas, todos cursando o primeiro ano do ensino médio de uma escola pública estadual do Maranhão.

A pesquisa mais ampla está embasada teoricamente nos pressupostos da Dialetologia Contemporânea, que inclui no escopo de sua metodologia princípios e conceitos oriundos da Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 [2006]; LABOV, 1972 [2008]). Mais especificamente, trata-se de uma abordagem Geossociolinguística (RAZKY, 2003). Contudo, neste artigo, serão apresentados resultados parciais de uma análise sociolinguística, considerando a dimensão diasssexual. Embora sistematicamente controlados, a idade e o nível de escolaridade dos informantes não se mostraram relevantes, pois todos eles cursam o primeiro ano do ensino médio e possuem faixa etária igual, com exceção do informante 7, que tem 16 anos, mas essa diferença de idade não influenciou nos resultados.

Os resultados apontam que as variantes mais frequentes foram: *preguiça* (questão 6), *treta* (questão 22), *gay*, *qualira* (questão 35), *mão de vaca* (questão 2), *caloteiro* (questão 3), *alcoólatra* (questão 4), *bullying* (questão 5), *uma ligação* (questão 14), *mico* (questão 17), *mão leve* (questão 18), *lisa* (questão 25), *ônibus* (questão 30). Sobre estas variantes o fator sexo se mostrou relativamente pertinente, revelando a preferência das meninas na escolha das formas *mão de vaca*, *bullying*, *mão leve*, *caloteiro*, *alcoólatra*, *mico*, *lisa* e *ônibus*. Por sua vez, os meninos usaram majoritariamente as variantes *treta* e *uma ligação*. Já a forma *preguiça* ocorreu categoricamente, sem influência de nenhum dos sexos.

Quanto às questões que foram mais produtivas em termos de variação, destacaram-se as perguntas de número 7, 8, 11, 23, 36, 55, 61, 33 e 35, que estão disponíveis no questionário completo, nos apêndices. Deste grupo de perguntas, as variantes mais frequentes foram: *na bad* (questão 7), *bolado* (questão 8), *excluíram*,



*deixaram de lado* (questão 11), *brigando* (questão 23), *lésbica* (questão 36), *patricinha*, *fútil*, *vaidosa* (questão 55), *rodada* (questão 61), *gato*, *lindo* (questão 33) e *gay*, *qualira* (questão 35). Com exceção da variante *fútil*, cuja ocorrência se deu somente na fala feminina, o fator sexo não se mostrou relevante no uso das demais variantes, pois a frequência foi de 50% para ambos os sexos.

Além do aspecto quantitativo, os resultados revelam também a dimensão sociocultural de determinadas variantes, indicando crenças e ideologias que subjazem ao uso dessas formas linguísticas. Verificou-se, por exemplo, um tratamento claramente desigual e construtivo em relação à figura do homem e à da mulher, desmascarando-se casos de preconceito, por meio dos itens lexicais *adúltera* e *amaldiçoado*, para referir-se respectivamente à *garota que tem a fama de ter muitos namorados* e ao *garoto que gosta de outros garotos*. Do mesmo modo, o machismo pode ser detectado nas variantes *rodada*, *galinha*, *vassourinha*, *acesa*, *vagabunda* e *piriguete*, termos que claramente projetam juízo de valor pejorativo para com a mulher.

O artigo está organizado em três seções principais. Na primeira, discutem-se brevemente os principais conceitos da área, apontando-se as diferenças e convergências entre as disciplinas que investigam a variação linguística. Na segunda seção, expõe-se a metodologia adotada no estudo, explicando-se as etapas e as dificuldades da pesquisa. Por fim, na terceira seção, apresentam-se os resultados obtidos e a discussão em torno desses resultados, seguindo-se, posteriormente, as considerações finais.

## 2 Fundamentação teórica: conceitos principais e disciplinas científicas

Situam-se sumariamente nesta seção os conceitos teóricos, as áreas e abordagens pertinentes ao estudo da variação e da mudança linguística.

### 2.1 Variação, mudança linguística e variável

A variação na língua diz respeito ao fenômeno por meio do qual se pode ter duas ou mais formas linguísticas diferentes para um mesmo referente, ou quando há uma mesma forma para mais de um referente. Ilustram o primeiro caso a variação denominativa entre os termos *açaí* e *jussara*, para o suco preparado com o fruto do açazeiro. Já o segundo tipo de variação, de natureza conceitual, pode ser exemplificado com o uso do termo *cupuaçu*, que pode ser usado para fazer alusão tanto ao fruto, ao suco ou ao creme dele resultante, como também para a árvore na qual esse fruto se desenvolve (SOUZA, 2015). Conforme Calvet (2002); Tarallo (2007); Mollica (2015), entre tantos outros autores, essas diferentes formas de se dizer a mesma coisa no plano semântico são as variantes linguísticas, ao passo que a variável diz respeito ao conjunto formado pelas variantes.

O fenômeno da variação linguística é, com efeito, um mecanismo inerente às línguas humanas, que pode ocorrer em todos os níveis do sistema, indo do vocabulário ao domínio pragmático-discursivo, passando pela sintaxe, morfossintaxe e pelo subsistema fonético-fonológico (MOLLICA, 2015). Neste sentido, as línguas não são vistas como sistemas estáticos de comunicação, mas podem apresentar mudanças e se diversificarem por razões de ordem estrutural, social e geográfica.

À guisa de exemplificação do fenômeno variável nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e lexical, citam-se, respectivamente, alguns dos resultados do ALiB (CARDOSO et al., 2014) para as capitais do país: i) predomina, em todo o Nordeste brasileiro e nas cidades nortistas de Rio Branco (AC) e Manaus (AM), a pronúncia da vogal média anterior fechada [e], em posição pretônica, enquanto a sua variante concorrente, isto é, a realização aberta dessa vogal, [ɛ], ocorre majoritariamente nas outras capitais do Norte e nas demais regiões não citadas; ii) as formas de tratamento do interlocutor, *tu* e *você*, exibem um quadro de variação em que a forma *você* predomina em todo o país, com exceção de Porto Alegre (RS), no Sul do Brasil, em que a variante *tu* ocorre com mais frequência; e iii) as variantes lexicais encontradas para a pergunta de nº 145 do Questionário Semântico-Lexical, “Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?”: *cigarro de palha*, *cigarro de fumo*, *cigarro de tabaco*, *porronca* e *palheiro*, com ocorrência da primeira variante em todo o país (exceção



feita a Fortaleza e a Rio Branco), de *porronca*, em todas as capitais do Norte e também nas cidades de Teresina (PI) e São Luís (MA), de *cigarro de fumo* em toda a costa leste do Brasil e na maioria dos estados do Centro-Oeste, Sul e Sudeste; de *cigarro de tabaco*, em todas as capitais do Norte e nas cidades de São Luís (MA), Curitiba (PR) e Rio de Janeiro (RJ); e *palheiro*, nas cidades de Cuiabá (MT), Campo Grande (MS), Belo horizonte (MG), Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS).

Esses poucos exemplos de variação linguística corroboram o dinamismo da línguas. Entretanto, variação não se confunde com mudança, pois esta é um provável resultado daquela, nem sempre se efetivando. Por esse motivo, Fernando Tarallo (2007, p. 11) adverte que: “A variação não implica necessariamente mudança linguística [...]. A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes”.

Embora a variação e a mudança linguísticas já ocorram desde sempre nas línguas, somente a partir do final do século XIX e no decorrer do século seguinte surgem os primeiros estudos que tornam esses fenômenos objeto de pesquisa. Primeiramente, emerge a Dialetologia, preocupada com os distintos falares que se observavam numa dada região, e posteriormente, entra em cena a Sociolinguística, interessada na variação linguística e sua correlação com a estrutura social em que se insere.

### **2.2 Dialetologia, Geolinguística, Sociolinguística e Geossociolinguística: alguns apontamentos**

Antes mesmo do estabelecimento da Linguística como ciência, as variações linguísticas, quer fossem geográficas, quer fossem diastráticas, já chamavam a atenção de filósofos, poetas e demais estudiosos da linguagem. A este respeito, Brandão (1991) esclarece que, desde os gregos, passando depois pelos romanos, já havia uma consciência a respeito da variação. Explica a autora que os gregos distinguiam quatro dialetos de sua língua, o eólico, o jônico, o dórico e o ático, elegendo, a partir do séc. IV a.C., “a língua

comum”, isto é, a *koiné dialektos*, uma variedade linguística baseada no dialeto ático. Da mesma forma, entre os romanos, a linguagem corrente recebia diferentes subclassificações, como *sermo urbanus*, *sermo plebeus*, *sermo rusticus*. (BRANDÃO, 1991).

Contudo, é no século XIX que o interesse pela diversidade linguística, em especial pelas variações dialetais, irá se configurar como estudo sistemático, com objeto e metodologia definidos no quadro de uma disciplina específica, a saber: a Dialectologia (cf. BRANDÃO, 1991; CARDOSO, 2010). Definida como um ramo da Linguística, a Dialectologia busca “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15). Portanto, conforme se verá adiante, a Dialectologia não se restringe, atualmente, ao estudo exclusivo da variação diatópica, embora esta ainda seja sua principal preocupação.

O final do século XIX é apontado pelos autores como um marco histórico para o estabelecimento dos estudos dialetais em função do surgimento da Geolinguística ou Cartografia linguística. Considerada por alguns autores como um ramo específico da Dialectologia<sup>5</sup>, ou mais apropriadamente como um método (cf. CARDOSO, 2010), a Geografia linguística conferiu maior sistematicidade e rigor metodológico à recolha e ao tratamento de dados, caracterizando-se, também, pela divulgação dos resultados da pesquisa em atlas linguísticos, os quais permitem a intercomparação dos usos variáveis.

Iniciada primeiramente por Wenker, na Alemanha, e depois aperfeiçoada por Jules Gilliéron, na França, a Geolinguística presenciou um desenvolvimento considerável entre o século XX e o momento atual (PONTES; MONTEIRO, 2014, p. 244). Seu marco histórico é, como afirmam a maioria dos autores, a construção do Atlas linguístico da França (1902-1912), o qual, sob a coordenação geral de Gilliéron, contou com a colaboração de apenas um inquiridor não especialista na área, mas com uma

---

<sup>5</sup> Pontes e Monteiro (2014, p. 244), por exemplo, entendem a “Geolinguística como um ramo dos estudos dialectológicos que estuda fenômenos linguísticos representados cartograficamente em atlas linguísticos, distinguindo-se do método cartográfico, específico para a produção desses atlas”.



habilidade extraordinária para transcrever as respostas das pessoas às perguntas de um questionário que continha entre 1.400 a 1.900 questões (cf. CARDOSO, 2010).

De acordo com a autora, nos primeiros estudos dialetológicos, selecionavam-se poucos informantes distribuídos pelas localidades de uma determinada região, a fim de se atestarem os diferentes falares existentes naquele espaço geográfico. Fatores socioculturais, como sexo, idade e escolaridade, não eram sistematicamente controlados nesses trabalhos pioneiros, visto que priorizava-se apenas a variação dialetal.

Progressivamente, a Dialectologia e a Geolinguística foram sendo aperfeiçoadas, incorporando princípios teórico-metodológicos de outros ramos da Linguística, como a Sociolinguística. Assim, ao longo do tempo, a dialetologia tem contribuído para mapear os falares na dimensão espacial, traçando linhas imaginárias que demonstrariam as prováveis fronteiras entre esses falares, isto é, as isoglossas.

A Sociolinguística, por sua vez, constitui uma disciplina no âmbito da Linguística interessada, em primeiro lugar, com a variação e a mudança linguísticas, correlacionando fatores estruturais e sociais na configuração do quadro variável de uma língua. Assim como a Dialectologia, a Sociolinguística estuda a língua em uso, voltando-se sobretudo para “os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (MOLLICA, 2015, p. 9).

A constituição da Sociolinguística como programa teórico-metodológico é comumente atribuída ao linguista norte-americano William Labov, que produziu a partir da década de 1960 numerosos estudos sobre fenômenos variáveis do inglês não padrão falado por pessoas comuns, inseridas na estratificação social estadunidense. O reconhecimento dado a Labov deve-se ao fato de ele ter sido um dos principais defensores da aplicação de uma metodologia de pesquisa que conseguisse tratar a variação e a mudança linguísticas de forma científica, medindo quantitativamente as pressões estruturais e sociais que influem no condicionamento da variação.

De acordo com Lucchesi (2015), a Sociolinguística se contrapôs aos dois paradigmas teóricos que dominaram a Linguística no início e na primeira metade do século XX, a saber: o estruturalismo, iniciado pelo mestre genebrino Ferdinand de



Saussure, e o programa gerativo-transformacional, cujo mentor é o linguista Noam Chomsky, os quais, a despeito de suas divergências, tinham em comum o fato de não reconhecerem a variação linguística como objeto de estudo. Como é sabido, as duas correntes formalistas, ao elegerem seus objetos de estudo, deixam de fora o componente social da língua, no qual se circunscrevem o falante, a comunidade, a cultura, o contexto de comunicação, as ideologias, as estratificações sociais, entre outros.

Dessa forma, a Sociolinguística inaugura, no âmbito dos estudos da linguagem, uma nova maneira de encarar a mudança linguística, provando que é possível estudá-la por meio da variação. Isso significa, de acordo com Lucchesi (2015, p. 31), que “a análise do processo *diacrônico* da mudança seria possível através da observação sistemática do quadro *sincrônico* da variação linguística” (grifos do autor).

Nesse cenário, levando em conta a aproximação dos princípios e metodologias da Sociolinguística à teoria e aos métodos da Geolinguística, surge uma nova abordagem para os estudos que se inserem na interface entre as referidas disciplinas, a saber: a Geossociolinguística. Tal abordagem, seguindo as tendências da Geolinguística Pluridimensional, adota uma perspectiva de análise que se fundamenta numa relação interativa entre o aspecto geográfico e a dimensão social mais ampla em que a variação se situa. Considera, assim, além do fator geográfico, outras variáveis relacionadas ao sujeito e à comunidade em que ele está inserido, como a idade, o sexo/gênero, a escolaridade, os contextos de comunicação, no caso da variação diafásica, etc.

Assim, tanto a Sociolinguística quanto a Dialetologia Pluridimensional estudam a diversidade linguística considerando múltiplas dimensões, diferenciando-se, porém, dentre outros aspectos, pela maneira de analisar os resultados, visto que a primeira ocupa-se principalmente com a variação em perspectiva social, ao passo que a segunda está mais interessada na variação ou na mudança linguística em perspectiva dialetal.

No contexto brasileiro, os primeiros projetos ligados à área da Sociolinguística só emergem na segunda metade do século XX, influenciados, em grande medida, pelo avanço científico que a área estava experimentando em outras partes do mundo, com destaque para os Estados Unidos, onde os estudos de Labov, principalmente, haviam



promovido uma verdadeira revolução na maneira de tratar cientificamente a mudança e a variação linguísticas. Deste modo, foram pioneiros projetos como o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL)<sup>6</sup>, o projeto Norma Urbana Culta (NURC) e o projeto Variação Linguística no Sul do Brasil (VARSUL)<sup>7</sup>. Estes, fundamentados predominantemente na Sociolinguística variacionista, produziram um grande volume de dados linguísticos do português brasileiro, sobre os quais se têm desenvolvido uma gama de pesquisas que contribuem para retratar o quadro em que se encontra a língua em foco, revelando sua variação de uso. Atualmente, o Brasil conta com inúmeros outros projetos sociolinguísticos envolvendo muitas vezes diferentes instituições e grupos de pesquisa.

Do ponto de vista dialetológico e geolinguístico, o primeiro trabalho no campo dos estudos dialetais se dá em 1826, sendo a contribuição do visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ao *atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi (CARDOSO, 2010). Posteriormente, surgem outros trabalhos mais sistemáticos na área, como os de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira* (1920), Antenor Nascentes, *O linguajar carioca* (1922), Mário Marroquim, *A língua do Nordeste* (1934), e a primeira proposta da elaboração de um atlas linguístico nacional, quando da promulgação do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, que instituiu como uma das tarefas da Comissão de filologia da Casa de Rui Barbosa a confecção de um atlas nacional do Brasil (CARDOSO, 2013; RAMOS et al., 2013). Contudo, em função de um conjunto de fatores de ordem estrutural, financeira, política e científica, o projeto do atlas do país não chegou a ser executado, vindo a Geolinguística a ser oficialmente inaugurada apenas na década de 1960, com a publicação do primeiro atlas brasileiro, de caráter estadual, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI; FERREIRA; ISENSEE, 1963).

Passadas quase cinco décadas depois de o referido decreto oficial, retoma-se a ideia de um atlas nacional, relativamente ao português brasileiro, no final do século XX. Tem-se, assim, como marco fundamental a criação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 1996, durante o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a geolinguística no Brasil*, ocorrido em novembro do referido ano, na Universidade Federal da Bahia.

<sup>6</sup> Para mais informações, consultar o site: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/index.html>.

<sup>7</sup> Conferir mais informações, no site: <http://www.varsul.org.br/>.



Após a criação do comitê científico, formado por pesquisadores que já haviam publicado atlas estaduais e um representante de atlas em andamento, o ALiB impulsionou novos estudos sobre as variedades linguísticas do português brasileiro, os quais se traduzem sob a forma de dissertações, teses, atlas linguísticos, eventos e nas inúmeras publicações de livros e artigos científicos.

Portanto, percebe-se que inúmeros estudos, sob diferentes perspectivas, têm sido realizados no Brasil a respeito do português. Particularmente, desde o advento da Dialetologia e da Sociolinguística, no decurso do século XX, as pesquisas no país têm se beneficiado do arcabouço teórico e metodológico dessas disciplinas, produzindo investigações cada vez mais sérias e coerentes com a realidade multifacetada do português brasileiro. Como testemunho desse avanço científico podem-se mencionar, por exemplo: a organização de muitos projetos de pesquisa; a constituição de grandes bancos de dados do português falado e escrito, disponíveis inclusive na *internet*, para consulta do público interessado; a formação de associações de pesquisa na área de Linguística, e de comitês científicos, como o do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB); as inúmeras publicações de trabalhos resultantes dessas pesquisas, tais como os atlas linguísticos, que já somam mais de 10 publicados; entre outros.

### 3 Metodologia

Nesta seção, descrevem-se os passos e os procedimentos metodológicos da pesquisa, a qual foi dividida em cinco etapas principais: (i) escolha da localidade a ser investigada, (ii) seleção dos informantes (iii) elaboração e adaptação do questionário semântico-lexical, (iv) realização do inquérito e (v) sistematização dos dados.

#### 3.1 Local da pesquisa

Como o presente trabalho integra um estudo mais amplo a respeito da fala dos jovens nas distintas regiões do Brasil, escolheu-se como *locus* desta pesquisa a cidade de

São Luís, no estado do Maranhão, pelo fato desta localidade já fazer parte da rede de pontos do projeto ALiB (CARDOSO, 2013).

Escolhida a localidade, procedeu-se à seleção dos informantes, com base nos seguintes critérios: ser jovem entre 15 e 17 anos, nascido no Maranhão, filho de pais maranhenses. Para esta etapa, na impossibilidade de o autor deste artigo ir pessoalmente a campo, buscou-se fazer contato, pelas redes sociais, com pessoas de São Luís que pudessem auxiliar na identificação dos informantes, e assim mediar o inquérito a distância; ou ainda, que pudessem atuar propriamente como inquiridores *in loco*, como ocorreu no caso deste trabalho.

Assim, foi estabelecido contato com uma professora da rede estadual do Maranhão, que é pesquisadora no projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). A docente, que é amiga pessoal do autor e já possui experiência de campo, facilitou o processo de seleção dos informantes, uma vez que estes foram seus próprios alunos do ensino médio. Desta forma, feito o convite aos interessados na pesquisa, foram selecionados 8 alunos, estratificados por sexo, idade e escolaridade, tal como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 1 – informantes selecionados.

<b>INFORMANTES</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
inform.1	masculino	15 anos	1º ano do ensino médio
inform.2	feminino	15 anos	1º ano do ensino médio
inform.3	feminino	15 anos	1º ano do ensino médio
inform.4	feminino	15 anos	1º ano do ensino médio
inform.5	feminino	15 anos	1º ano do ensino médio
inform.6	masculino	15 anos	1º ano do ensino médio
inform.7	masculino	16 anos	1º ano do ensino médio
inform.8	masculino	15 anos	1º ano do ensino médio

Fonte: organizado pelos autores.

A escola em que os informantes estudam, que serviu, portanto, de local da pesquisa, é uma instituição pública, da rede estadual, que atende a diversos alunos da capital do Maranhão e de cidades vizinhas, ofertando vagas apenas para o Ensino Médio. Segundo a professora, trata-se da 2ª escola mais antiga do Brasil, cujo ingresso é condicionado a um processo seletivo aplicado aos alunos que queiram estudar nessa instituição.

### **3.2 Instrumento de pesquisa**

Concomitantemente à realização dessas duas etapas, procedeu-se à elaboração do questionário lexical que serviu como instrumento para a coleta de dados. Segundo Cardoso (2010, p. 97), no questionário semântico-lexical (QSL): “o que se quer é a obtenção de um leque maior de informação sobre as possibilidades de ocorrências de itens lexicais que recubram um mesmo conceito”. Para tanto, fez-se uma adaptação do QSL utilizado no ALiB (CARDOSO et al., 2013), suprimindo questões e campos semânticos que não fossem do interesse ou do universo social e cultural dos informantes a serem inquiridos.

Apenas para ilustrar a necessidade de adaptação do inquérito, cite-se um caso que fora muito comentado pelas demais equipes que também estavam aplicando uma versão piloto do questionário, com o fim de atestar sua viabilidade. Trata-se do campo semântico JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS, previsto na versão oficial do QSL do ALiB (2001). Nesse campo semântico, as questões de número 155 (CAMBALHOTA), 160 (ESCONDE-ESCONDE) e 161 (CABRA-CEGA), ao serem perguntadas aos jovens, causavam-lhes estranheza ou certo desconforto, pois muitos alegavam que não sabiam sobre tais brincadeiras ou que já não as praticavam porque não eram mais crianças, mas adolescentes. Por conta disso, as equipes de pesquisadores se reuniram e decidiram por atualizar esse campo semântico, propondo questões mais adequadas ao perfil dos informantes. Assim sendo, substituiu-se JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS por REDES SOCIAIS E JOGOS, formulando perguntas como: 40 – *Que nome você dá à brincadeira,*



*na qual, meninos e meninas devem trocar beijos, abraços ou apertos de mão, após fazerem uma espécie de sorteio?, 44 – Que nome você dá à pessoa que gosta muito de jogos de computador? e 45 – Que nome você dá ao ato de descobrir a vida das pessoas por meio das redes sociais?*

Desta forma, após as impressões de campo oriundas da aplicação piloto do questionário, reuniram-se todas as equipes de trabalho e foram discutidos os pontos que deveriam ser alterados, atualizados, suprimidos, chegando-se à versão definitiva do questionário lexical. Nessa versão (cf. versão na íntegra, no apêndice), constam, pois, 61 questões, distribuídas pelos cinco campos semânticos definidos, a saber: COMPORTAMENTO E CONVÍVIO SOCIAL, COMPORTAMENTO E VIVÊNCIA ESCOLARES, RELAÇÕES AFETIVAS, REDES SOCIAIS E JOGOS e VESTUÁRIO E APARÊNCIA.

Finalizado o questionário, passou-se à etapa de realização do inquérito, na qual surgiram algumas dificuldades, como era de se esperar na aplicação *in loco*. Dentre elas, destaca-se apenas uma de ordem operacional. Após o demorado processo de conseguir alguém que pudesse fazer as entrevistas com os informantes, a professora que aceitou ser a inquiridora teve de reorganizar sua rotina de trabalho, já muito exaustiva, para incluir a atividade de pesquisa. Isso fez com que a realização do inquérito se alongasse mais tempo do que o previsto inicialmente, visto que a docente teve de se dividir entre a pesquisa e a sala de aula, período de avaliação, recuperação e festa junina da escola.

Em se tratando especificamente do inquérito, as entrevistas com os informantes foram feitas individualmente, na sala dos professores, entre o intervalo de uma aula e outra. A cada resposta dada, a docente anotava em seu caderno, identificando o número da questão correspondente. Os questionários, portanto, não foram preenchidos diretamente durante a entrevista.

Conforme relato da inquiridora, os alunos demonstravam desconforto diante de algumas questões que poderiam ensejar respostas com itens lexicais revestidos de tabus, como “viado”, “sapatona” e “beijo de língua”. A professora atribui a essa reação dos informantes o fato de eles serem seus alunos da disciplina de Português, em que, segundo

o senso comum, se esperaria a forma “correta” de falar as respostas. Além disso, há adolescentes que ainda não namoram ou que não se sentem bem em falar sobre determinadas questões diante de adulto, ainda por cima, para professora.

Por fim, depois de a professora aplicar o questionário, os dados foram repassados, sob a forma de anotações em um caderno, para que pudessem ser sistematizados em quadros e tabelas, para facilitar a análise. De início, montou-se um quadro geral, no *Word*, com todas as respostas dadas. E posteriormente, elaborou-se um novo quadro com as respostas mais frequentes e que apresentaram maior variação lexical.

#### **4 Resultados**

Nesta seção, será apresentada a análise realizada com base nas respostas dadas pelos informantes da pesquisa. Nem todas as questões serão comentadas, mas apenas as que foram selecionadas de acordo com a produtividade manifestada, em função do sexo dos informantes e de outros aspectos que serão explicados a seguir.

Das 60 questões propostas, cuja relação completa se encontra nos apêndices, as respostas mais frequentes, considerando-se de cinco a oito ocorrências por variante, foram, em ordem decrescente: *preguiça* (questão 6), *treta* (questão 22), *gay*, *qualira* (questão 35), *mão de vaca* (questão 2), *caloteiro* (questão 3), *alcoólatra* (questão 4), *bullying* (questão 5), *uma ligação* (questão 14), *mico* (questão 17), *mão leve* (questão 18), *lisa* (questão 25), *ônibus* (questão 30).

Dessas variantes, *preguiça* ocorre na fala de todos os informantes. Por sua vez, *mão de vaca*, *bullying* e *mão leve* manifestam-se predominantemente na fala das mulheres, com 80% de ocorrência. O domínio feminino também se mantém no uso das variantes *caloteiro*, *alcoólatra*, *mico*, *lisa* e *ônibus*, obtendo-se, para cada uma destas, um percentual de 60%. Já os rapazes são maioria ao utilizar *treta* e *uma ligação*, com percentual de 67% e 60%, respectivamente.

Mostraram-se mais relevantes, em relação à maior quantidade de variantes por questão, as perguntas discriminadas abaixo, acompanhadas do número de variantes encontradas para essas questões.

Quadro 2 – perguntas mais produtivas em termo de variantes.

Nº DE VARIANTES ENCONTRADAS	QUESTÕES	EXEMPLO
Até 5 variantes	1, 3, 4, 5, 9, 10, 20, 22, 24, 26, 30, 44, 54, 58, 60	<p><b>questão 1</b> – Como se costuma chamar para a pessoa que fala demais?</p> <p><i>tagarela, papagaio, faladeira, falador, fala muito</i></p>
Até 6 variantes	13, 16, 25, 28, 29, 31, 38	<p><b>questão 13</b> – Como você diz para o ato de sair com os amigos?</p> <p><i>dar um rolê, curtir, dar uma volta, se divertir, passear, rolê</i></p>
Até 7 variantes	12, 15, 21, 27, 34, 43, 45, 46, 56	<p><b>questão 15</b> – Como você chama a pessoa que é facilmente enganada por alguém?</p> <p><i>ingênua, trouxa, patinho, abestada, inocente, mente fraca, burra</i></p>
Até 8 variantes	7, 8, 11, 23, 36, 55, 61	<p><b>questão 7</b> – Como você diz quando alguém está muito triste?</p> <p><i>na bad, mal-humor, tristonho, infeliz, com manha, dengosa, sentindo mal, desanimado</i></p>

Até 9 variantes	33, 35	<p><b>questão 33</b> – Como as pessoas costumam chamar para um menino muito bonito?</p> <p><i>gato, ,lindo, bonito, broto, crush, boy, sabão, maravilhoso, gostoso</i></p>
-----------------	--------	--

Fonte: organizado pelos autores.

Desse grupo de questões que apresentaram maior variação (perguntas 7, 8, 11, 23, 36, 55, 61, 33 e 35), verificou-se o seguinte resultado para cada variante:

Quadro 3 – questões com mais variantes.

QUESTÃO	VARIANTES	OCORRÊNCIA
07	<b>na bad</b>	4
	mal-humor, tristonho, infeliz, com manha, dengosa, sentindo mal, desanimado	1
08	<b>Bolado</b>	3
	zangado, puto, bravo, com raiva, com ódio, chateado, irritado	1
11	<b>Excluíram</b>	2
	<b>deixaram de lado</b>	2
	relaxaram, escarrada, não levou em consideração, tiraram do rolê, me deixaram, esqueceram	1
23	<b>Brigando</b>	2

	encrecada, fora do controle, descontrolado, se metendo, fora do normal, enrascado, lascado	1
36	<b>Lésbica</b>	6
	Sapatona	2
	Sapatão	2
	sapato, tamanco, batedor de bife, piranha, macho	1
55	<b>Patricinha</b>	2
	<b>Fútil</b>	2
	<b>Vaidosa</b>	2
	superficial, só quer ser, interesseira, modinha	1
61	<b>Rodada</b>	2
	galinha, vassourinha, acesa, adúltera, vagabunda, piriguete, louca	1
33	<b>Gato</b>	2
	<b>Lindo</b>	2
	bonito, broto, crush, boy, sabão, maravilhoso, gostoso	1
35	<b>Gay</b>	6
	<b>Qualira</b>	6
	Viado	4
	Homossexual	3
	bicha, boiola, amaldiçoado, desgraçado, baitola	1

Fonte: organizado pelos autores.

Ao correlacionar a variante mais frequente de cada uma das 9 questões acima (destacadas em negrito) ao sexo dos informantes, percebeu-se que essa variável social não influi na escolha dessa variante. Com exceção da variante *fútil* (pergunta 55), que só aparece na fala das meninas, em todos os outros casos o percentual de ocorrência é de 50% para ambos os sexos.

Com respeito a aspectos linguísticos e também a fatores de ordem ideológica e cultural, convém fazer algumas observações. A variante *na bad*, por exemplo, ilustra um caso de construção híbrida, com elementos do português, “na”, e o adjetivo “bad”, do inglês, que pode ser traduzido por “triste”. Expressões em inglês também apareceram como respostas a outras perguntas, a exemplo de: “Como você chama para a pessoa que é seu melhor amigo(a) (questão 10)?”. Obtiveram-se respostas como *best*, *best friend*, *best friend forever*.

Outro fato curioso diz respeito às variantes *sapatona* e *sapatão*, dadas à pergunta de número 36: “E se for uma garota que namora outra garota?”. Do ponto de vista morfológico, nota-se o uso das formas do aumentativo “-ona” e “-ão”, que, na verdade, servem, no referido contexto, como sufixos derivacionais, para indicar semanticamente que a garota que gosta de outra garota possui traços físicos em geral atribuídos aos homens, como maior estatura, porte físico mais robusto, em oposição à figura feminina, vista como um ser menor, mais delicado e frágil. Ainda sobre essa questão, observa-se o uso da fraseologia *batedor de bife*, cujo sentido é claramente figurado, em que o componente “bife” faz uma analogia entre um tipo de carne já beneficiada e a genital feminina.

Observa-se também a conotação como um mecanismo linguístico produtivo na expansão do léxico, atuando na criação de novos itens lexicais ou de novos sentidos a formas já existentes no uso. Por exemplo, as variantes *galinha* e *vassourinha*, para “a garota que tem a fama de ter muitos namorados”, e as formas *gato* e *sabão*, respostas à questão 33. Não se pode deixar de notar o sentido pejorativo desses termos, sobretudo com relação à mulher. Por outro lado, diferentemente, se atribui à figura masculina um aspecto positivo, realçando sua beleza.

Algumas variantes também permitem entrever determinada ideologia e crença religiosa, subjacente às escolhas lexicais. Os termos *adúltera* e *vagabunda*, de um lado, e *amaldiçoado* e *desgraçado*, por outro, indicam esses julgamentos de valor. Há, certamente, por de trás do uso dessas palavras, uma determinação ideológica e religiosa que condena as pessoas às quais se poderia empregar esses termos.

Um último aspecto digno de nota, dentre tantos outros, refere-se à variante *qualira*, aludindo ao “garoto que namora outro garoto”. Como se viu, esse termo mostrou-se frequente entre os informantes. Acredita-se, inclusive, que pode ser uma variante regional do Maranhão ou de localidades vizinhas, situadas no nordeste do país<sup>8</sup>. Embora os próprios informantes tenham dito à inquiridora que se tratava de palavra específica da região, tal hipótese precisa ser confirmada por meio da realização de novos estudos e de comparações com trabalhos geolinguísticos ou sociolinguísticos que porventura já tenham registrado o referido termo.

#### 4.1 Discussão dos resultados

Como se viu anteriormente, nem todas as 60 perguntas que constituem o questionário foram analisadas neste artigo. Em um primeiro momento, verificou-se as variantes mais frequentes entre os informantes. Já que foram oito informantes, considerou-se variante frequente a forma que ocorreu pelo menos cinco vezes, o que representa mais de 50% de uso dessa variante. Por meio desse critério quantitativo, foram identificadas, em ordem decrescente, as variantes: *preguiça* (questão 6), *treta* (questão 22), *gay*, *qualira* (questão 35), *mão de vaca* (questão 2), *caloteiro* (questão 3), *alcoólatra* (questão 4), *bullying* (questão 5), *uma ligação* (questão 14), *mico* (questão 17), *mão leve* (questão 18), *lisa* (questão 25), *ônibus* (questão 30).

---

<sup>8</sup> Segundo os dicionários de português Michaelis On-line (<http://michaelis.uol.com.br>) e Priberam (<https://www.priberam.pt>), o termo “qualira” é classificado como regionalismo, situado nos estados do Ceará e Maranhão.

A correlação desses usos com a variável sexo demonstrou que as meninas preferem usar esses termos, perdendo para os meninos apenas no uso das variantes *treta* e *uma ligação*. A variante *preguiça* foi dita por todos os informantes, revelando seu uso categórico, independentemente do grupo de fator sexo.

Em um segundo momento, verificaram-se as perguntas para as quais obteve-se um maior número de variantes, conforme o quadro 2. Identificadas essas questões, fez-se um recorte, focalizando apenas as 9 perguntas que apresentaram o maior número de variantes, entre oito e nove formas distintas. Percebeu-se, então, as seguintes variantes mais frequentes para cada uma dessas questões: *na bad*, *bolado*, *excluíram*, *deixaram de lado*, *brigando*, *lésbica*, *patricinha*, *fútil*, *vaidosa*, *rodada*, *gay* e *qualira*.

Diferentemente do primeiro conjunto de variantes selecionadas, a variável sexo não se mostrou relevante para este último conjunto de formas linguísticas alternantes, pois, como se viu, tanto meninos quanto meninas usam as variantes em foco, perfazendo um percentual de 50% de ocorrência; portanto, sem variação neste aspecto. A única exceção é a variante *fútil*, que foi usada apenas pelos informantes do sexo feminino. Talvez explique esse cenário de quase uniformidade de usos o fato de os informantes serem todos de uma mesma turma, convivendo no mesmo ambiente escolar. Acrescentam-se a isto as características da própria faixa etária, uma vez que adolescentes e jovens tendem a imitar uns aos outros, recebendo influências e influenciando os outros de seu grupo, na maneira de vestir, pensar, comportar-se e de usar a linguagem. Quanto a este aspecto, é bastante esclarecedor o uso das gírias entre os jovens, por meio das quais eles se identificam coletivamente, em grupos cada vez mais coesos.

No que tange ao uso de formas estrangeiras, sobretudo da língua inglesa, entre os informantes, fica nítida a influência do inglês na comunicação diária desses jovens. Isso demonstra que eles estão cada vez mais expostos a estrangeirismos, decorrentes, em grande parte, do acelerado processo de globalização dos meios de comunicação, intensificado pelo uso da *internet*.

Em relação ao aspecto ideológico, as escolhas lexicais apontam para crenças e (pré)conceitos fortemente enraizados na cultura brasileira de modo geral, como a

influência de base cristã ligada à questão do pecado e da punição, visto no uso das variantes *adúltera* e *amaldiçoado*, para referir-se respectivamente à *garota que tem a fama de ter muitos namorados* e ao *garoto que gosta de outros garotos*. Do mesmo modo, o machismo pode ser detectado nas variantes *rodada*, *galinha*, *vassourinha*, *acesa*, *vagabunda* e *piriguete*, termos que claramente projetam juízo de valor pejorativo para com a mulher. Isso tudo permite chegar a uma conclusão pessimista: o machismo e a intolerância têm conseguido se perpetuar ao longo das gerações.

Para evidenciar ainda mais esse aspecto ideológico, convém comparar as variantes arroladas acima com as formas lexicais encontradas para “o garoto que tem a fama de ter muitas namoradas” (questão 60). As respostas por si sós são esclarecedoras: *garanhão* e *pegador*. Esses resultados corroboram, pois, a afirmação de que “toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico” (AGUILERA et al., 2016, p. 77-78).

### **Considerações finais**

Neste artigo, apresentaram-se os resultados de uma pesquisa experimental feita com oito informantes maranhenses, com idade entre 15 e 16 anos, distribuídos equitativamente quanto ao sexo. O objetivo principal consistiu em descrever a variação lexical presente na fala desses jovens, a partir das respostas a 60 perguntas que compõem o questionário semântico-lexical elaborado para esse fim.

O inquérito foi realizado durante o mês de junho, em uma escola pública estadual situada na cidade de São Luís, estado do Maranhão. As entrevistas ocorreram entre os intervalos das aulas, sendo a inquiridora a própria professora de Português dos alunos que colaboraram como informantes para o estudo em pauta.

Os resultados apontaram que as variantes mais utilizadas foram *preguiça* (questão 6), *treta* (questão 22), *gay*, *qualira* (questão 35), *mão de vaca* (questão 2), *caloteiro* (questão 3), *alcoólatra* (questão 4), *bullying* (questão 5), *uma ligação* (questão 14), *mico*



(questão 17), *mão leve* (questão 18), *lisa* (questão 25), *ônibus* (questão 30). Em relação a esse grupo de variantes, o fator sexo mostrou-se relevante, indicando a preferência das meninas no uso de tais denominações, com exceção apenas da variante *preguiça*, cuja frequência foi categórica.

Percebeu-se ainda o uso de variantes que parecem ser muito peculiares na fala dos maranhenses e/ou da região nordestina como um todo, como por exemplo, as formas *canhenga*, *qualira* e *podal*. Entretanto, há necessidade de se fazerem novos estudos, bibliográficos ou de campo, que permitam confirmar as hipóteses levantadas para essas variantes.

Além disso, os resultados também demonstraram que determinadas escolhas lexicais estão revestidas de conteúdo ideológico e crenças que ensejam, muitas vezes, o preconceito e a intolerância.

Por fim, convém atentar para a importância de se realizarem estudos específicos sobre a fala de jovens, numa perspectiva geossociolinguística, dada a inexistência de estudos dessa natureza no Brasil, a despeito de os trabalhos dialectológicos e sociolinguísticos contemplarem, muitas vezes, a faixa etária dos jovens a partir dos 18 anos, mas apenas para efeito de comparação com informantes de outras faixas etárias. Assim, o presente artigo representa uma singela contribuição para se estudar especificamente a fala desse segmento etário, à qual se poderão comparar outras pesquisas similares, a fim de descrever a variação lexical da juventude em perspectiva diatópica e diastrática.

### Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do S. Silva de; ISQUERDO, Aparecida Negri; MOTA, Jacyra Andrade. Variação fônica e léxico-semântica no português do Brasil a partir de dados do projeto ALiB. In: DE SÁ JÚNIOR, Lucrecio A; MARTINS, Marco A. (orgs.). **Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino**. São Paulo: Blucher, 2016.



CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana A. M. da Silva. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. O atlas linguístico do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_.; MOTA, Jacyra A; PAIM, Marcela T; RIBEIRO, Silvana S. C (orgs.). **Documentos 4**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2013.

\_\_\_\_\_.; MOTA, Jacyra A; AGUILERA, Vanderci de A; ARAGÃO, Maria do Socorro S. de; ISQUERDO, Aparecida N; RAZKY, A; MARGOTTI, Felício W. **Atlas Linguístico do Brasil**. Cartas linguísticas 1. Vol. 2. Londrina: Eduel, 2014.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PONTES, Antônio Luciano; MONTEIRO, Jamyle dos Santos. Interface entre geolinguística e lexicografia regional: o caso do atlas linguístico. In: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides F. de; OLIVEIRA, Marilucia B. de; COSTA, Eliane O. da. (orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

RAMOS, Conceição de M. de A; BEZERRA, José de R. M; ROCHA, Maria de F. S; FEITOSA, Márcia M. M; VIANA, Manuela M. C; SILVA, Terezinha de J. B; FEITOSA, Antônio C. O atlas linguístico do Maranhão: os caminhos do português falado no maranhão. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2013.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas geossociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **A Geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.). **Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará**. Belém, 2003.

SOUZA, Davi P. de. **Terminologia da cultura do cupuaçu**. 2015. 90 f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



## Apêndices

### QUESTIONÁRIO LEXICAL

#### COMPORTAMENTO E CONVÍVIO SOCIAL

1. Como se costuma chamar para a pessoa que fala demais?
2. Como se costuma chamar para a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastá-lo?
3. Como se costuma chamar para uma pessoa que não paga suas dívidas?
4. Que nomes se costumam dar a uma pessoa que gosta muito de bebida alcoólica, ou seja, que bebe demais?
5. Como você denomina o ato de uma pessoa fazer chacota de alguém?
6. Quando alguém está indisposto/indisposta para fazer o que uma pessoa lhe pede, diz-se que essa pessoa está com?
7. Como você diz quando alguém está muito triste?
8. Como você diz quando está muito aborrecido(a) com alguma coisa?
9. Quando uma pessoa trai a confiança do amigo, diz-se que essa pessoa é?
10. Como você chama para a pessoa que é seu melhor amigo(a)?
11. Quando seus amigos lhe excluem de algum passeio, você diz que eles fizeram o quê com você?
12. Como você diz quando aceita/confirma algum convite/trato para se divertir?
13. Como você diz para o ato de sair com os amigos?
14. Quando você vai dar um telefonema, você diz que vai dar um (a)?
15. Como você chama a pessoa que é facilmente enganada por alguém?
16. Quando você sai para dançar, você diz que vai?
17. Como se diz quando alguém passa vergonha na frente dos colegas?



18. Como você chama para aquela pessoa que faz pequenos furtos com rapidez e facilidade?
19. Como você chama para alguém que usa drogas?
20. Como você diz quando alguém fala mal de outra pessoa e acaba prejudicando-a?
21. Como você diz quando está com fome?
22. Quando você presencia uma discussão no WhatsApp ou no Facebook, você diz que está tendo o quê?
23. Quando uma pessoa entra em uma confusão, você diz que ela está?
24. Quando uma pessoa tem uma quantia muito grande em dinheiro, diz-se que ela está?
25. Quando uma pessoa tem pouco dinheiro, diz-se que ela está?

### COMPORTAMENTO E VIVÊNCIA ESCOLARES

26. Como você chama para a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?
27. Que nome você dá ao(à) aluno(a) que não costuma prestar atenção à aula e só fica fazendo brincadeiras?
28. Como se diz quando um(a) aluno(a) foi para a escola, mas não assistiu à aula ou saiu da sala, antes de terminá-la?
29. Como você chama o(a) aluno(a) que estuda muito?
30. Como você chama para o transporte coletivo, que usamos para ir à escola ou para qualquer outro lugar, dentro da cidade?

### RELAÇÕES AFETIVAS

31. Como as pessoas costumam chamar uma garota ou mulher desprovida de beleza?
32. E para um garoto ou homem?



33. Como as pessoas costumam chamar para um menino muito bonito?
34. E se for uma menina muito bonita?
35. Como se chama para o garoto que namora outro garoto?
36. E se for uma garota que namora outra garota?
37. Quando um(a) menino(a) nunca beijou, diz-se que ele(a) é?
38. Como você chama para o ato de as pessoas tocarem os lábios de outra pessoa, de maneira rápida, por vezes causando um barulho estalado?
39. Como você chama para o ato de as pessoas tocarem os lábios de outra pessoa, de maneira mais demorada?

### REDES SOCIAIS E JOGOS

40. Que nome você dá à brincadeira, na qual, meninos e meninas devem trocar beijos, abraços ou apertos de mão, após fazerem uma espécie de sorteio?
41. Que nome você dá à pessoa que costuma trapacear em jogos ou brincadeiras?
42. Que nome você dá à pessoa que gosta muito de jogar futebol?
43. Que outros nomes você dá ao ato de jogar futebol?
44. Que nome você dá à pessoa que gosta muito de jogos de computador?
45. Que nome você dá ao ato de descobrir a vida das pessoas por meio das redes sociais?
46. Que nome você dá à pessoa que costuma fazer comentários negativos à postagem dos outros?

### VESTUÁRIO E APARÊNCIA

47. Como você chama para o produto que as mulheres passam no rosto, a fim de suas bochechas ficarem mais rosadas?



48. Como você chama para o objeto de metal ou plástico, que pega de um lado a outro da cabeça da pessoa, e serve para prender os cabelos?
50. Que nomes você dá ao objeto utilizado pelas mulheres para alisar os cabelos?
51. Que nomes você dá aos acessórios que mulheres usam nos braços, nas orelhas ou no pescoço, mas que não são feitos de ouro?
52. Que nomes você dá à peça de vestuário que utilizamos na cabeça e que possui uma viseira em sua parte da frente?
53. Que nome você dá à peça de vestuário que usamos nos pés, composta por uma sola e duas tiras, que segura entre os dedos do pé, geralmente separando o dedão dos demais?
54. Como você chama aquele tipo de rapaz que só vai para a escola com o objetivo de brigar?
55. Como você chama à garota que só se preocupa com a aparência e que só gosta de usar roupas bonitas e caras?
56. E se for um garoto?
57. Como você chama para algo que está na moda?
58. Como você chama seu amigo que está gostando de alguém e não se importa com você?
59. Como você chama um relacionamento sem compromisso?
60. Como se chama o garoto que tem a fama de ter muitas namoradas?
61. Como se chama a garota que tem a fama de ter muitos namorados?

## Quadro das respostas dos informantes

	Masc. – 15	Fem. – 15	Fem. – 15	Fem. – 15	Fem. – 15	Masc. – 15	Masc. – 16	Masc. – 15
QUESTÃO	INFOR.1	INFOR.2	INFOR.3	INFOR.4	INFOR.5	INFOR.6	INFOR.7	INFOR.8
01	tagarela	tagarela	tagarela	papagaio	papagaio	faladeira	falador	fala muito
02	canhenga	mão de vaca	mão de vaca, canhenga	mão de vaca	mão de vaca	canhenga, mão de vaca	pão duro	canhenga, mão fechada
03	caloteiro	caloteiro	caloteiro	desonesta	caloteiro	Barrabás	caloteiro	endivido, velhaco
04	alcoólatra	alcoólatra, pinguça	alcoólatra, pinguça	alcoólatra	papudinho	alcoólatra, pinguça, cú de cana	cachaceiro	cachaceiro
05	fura olho	bullying	bullying, preconceito	bullying	bullying	bullying	sem coração	tirar de tempo
06	preguiça	preguiça	preguiça	preguiça	preguiça	preguiça	preguiça, sem coragem	tá com preguiça, preguiçoso
07	mal-humor, tristonho	infeliz	com manha, dengosa	na bad	na bad	na bad	Sentindo mal, desanimado	na bad
08	zangado, puto	bravo	com raiva, com ódio	chateado	Irritado, bolado	bolado	<b>Sem resposta</b>	bolado
09	traíra	traíra	traíra, falsa	falso, falsiane	falso	safada	falso	cobra, falso
10	irmão	best	best	best friend forever	best friend forever	best friend	irmão	parceiro
11	me excluíram, relaxaram	excluíram	escarrada	não levou em consideração	deixaram de lado	tiraram do rolê	me deixaram	deixaram de lado, esqueceram
12	claro eu vou	eu vou	eu topo	beleza	tá bom	sim vamos, vamos fechar	bora, vamos	bora lá
13	dar um rolê	curtir	curtir, se divertir	passar	dar uma volta	rolê	dar uma volta	dar um rolê
14	uma ligação, falar com fulano	uma ligação	uma ligação	telefona	telefona	fazer uma ligação	uma ligação	ligação
15	patinho	abestada, inocente	mente fraca	ingênua	ingênua	trouxa	burra	trouxa
16	divertir, dançar	se mexer	balançar o esqueleto	pra balada	pra balada	dançar	me divertir	vou sarrar
17	<b>Sem resposta</b>	mico	<b>Sem resposta</b>	mico	mico	mico	<b>Sem resposta</b>	mico

18	mão leve	mão leve	mão leve	ladrão, mão leve	ladra, ladrão, mão leve	passou a elza, ladra	ladrão	ladrão
19	drogado	drogado	usuário de drogas	dependent e químico	dependent e químico, drogado	Zé droguinha	<b>Sem resposta</b>	drogado
20	preconceituosa	invejosos	falsa	fofoqueiro	fofoqueiro	falsa	fofoqueira	vacilão
21	Faminto, com fome	Minha barriga está roncando, brocado	morrendo de fome	brocado, azul de fome	brocado	na broca	<b>Sem resposta</b>	Morrendo de fome, brocado
22	furdúncio	treta, fight	treta, luta de MMA	treta	treta	treta	uma briga	treta
23	encrecada	fora do controle	descontrolado	se metendo	brigando	brigando	fora do normal	enrascado, lascado
24	rica	estribada	rica	rica	builhada	milionária, com muito dinheiro	rica	estribada
25	pobre, quebrado	lisa, mão abanando	lisa, mão abanando	dura, vacas estão magras	lisa	lisa	pobre	lisa
26	burro	sem interesse	burra	lenta	lenta	burro, lerdo	preguiçosa	lerda
27	bagunceiro	gazeador	palhacinho	bagunceiro, desinteressado	despreocupado	inútil	bagunçador	bagunceiro
28	gazeando	gazeador	gazeador	cabulou a aula	gazeou a aula	gazeador	preguiçoso	gazetador
29	estudioso	nerd	esforçado, estudioso	esforçado	dedicado	estudioso	inteligente	nerd, crânio
30	Ônibus, busão	Ônibus, buso	Ônibus, buso	buso, fresquinho	ônibus	busu	ônibus, carro	busão
31	feia	feia	feia, ridícula, descuidada	feia	feia, desanimada	horrorosa	feia, horrível	feia
32	ridículo	feio	feio	teimoso	teimoso	amargo	acabado	feio
33	gato	bonito, broto	lindo, gato	crusch	boy	sabão	maravilhoso	lindo, gostoso
34	polda	linda, arrasadora	bonita, gata	gatinha	polda	muito bonita	uma gata	linda, gostosa
35	gay, qualira	gay, qualira, bicha	gay, homossexual, qualira, viado	homossexual, viado	gay, boiola, qualira	homossexual, gay, viado, qualira	amaldiçoado, desgraçado	gay, qualira, baitola, viado
36	lésbica	lésbica	lésbica, sapatona	lésbica	sapatona	sapato, tamanco, lésbica,	lésbica, sapatão	piranha, sapatão, macho

						batedora de bife		
37	É BV	BV	BV, virgem de boca	BV	BV	BV	gay, BV	BV
38	roubar um beijo	selinho	selinho	bitoca	bitoca	beijando	nojento	beijo
39	Não se fez a pergunta	beijo de língua	beijo de língua	beijo	beijo	beijo	beijo	beijo de língua
40	salada mista	verdade ou desafio	verdade ou desafio	brincadeira a da garrafa, jogo da garrafa, verdade ou desafio	brincadeira a da garrafa, jogo da garrafa, verdade ou desafio	verdade ou desafio	verdade ou desafio	jogo da garrafa
41	trapaceiro, ladrão	trapaceiro, injusto	desonesto	trapaceiro	trapaceiro	ladrão	trapaceiro	trapaceiro
42	Não soube responder	capela, boleiro	capela	<b>Sem resposta</b>	capela	boleiro	jogador	boleiro
43	jogar uma pelada	bater uma bola, jogar pelada	bater uma bolinha	<b>Sem resposta</b>	<b>Sem resposta</b>	bater um coco	pelada	jogar bola
44	gamer	nerd, viciado	CDF	<b>Sem resposta</b>	<b>Sem resposta</b>	viciado em computador	viciado	viciado, gamer
45	hacker	estalquear	xeretar	bisbilhoteiro, maroca	bisbilhoteiro	falta do que fazer	hacker	fofoca
46	invejoso	pessimista, negativo	invejoso	inconveniente	desnecessário	<b>Sem resposta</b>	maroca	encrenqueiro
47	maquiagem	blush	blush	blush	blush	blush	blush	pó, maquiagem
48	traca	tiara	tiara, traca	traca	tiara	piranha	piranha, presilha	presilha
49	Pulou-se	Pulou-se	Pulou-se	Pulou-se	Pulou-se	Pulou-se	Pulou-se	Pulou-se
50	chapinha, prancha	selagem	chapinha, alisante	chapinha	chapinha	chapinha, prancha	chapinha	chapinha
51	bijuterias	bijuteria, biju	bijuteria, biju	bijuteria, joia	biju	bijuteria	bijuteria	bijuterias
52	Não sabe	Não sabe	Não sabe	boné, quepe	boné	tiara	<b>Sem resposta</b>	capacete
53	sandália, chinelo	havaiana, chinelo	sandália	chinelo	sandália	chinela, japonesa	havaiana	chinela, sandália
54	brincalhão	brincalhão	desinteressado	sem futuro	desinteressado	intrigueiro	Sem resposta	valentão
55	vaidosa, patricinha	fútil	patricinha	fútil	vaidosa	superficial	só quer ser	interesseira, modinha



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 8 • Número 24 • Mar 2018/

56	vaidoso	play boy	play boy	estiloso	aparecido	heterossexual	só quer ser	play boy, interesseiro
57	Modinha	sensação do momento	sensação do momento	sem resposta	sem resposta	na moda	nyk	tá na moda
58	Sem resposta	esqueceu de mim	me trocou	virar folha	traíra	falso	falso	falso
59	Sem resposta	fica	fica	ficar	Sem pergunta	relacionamento aberto	fornicação	ficar
60	garanhão	pegador	galinha	galinha	rodado	galinha, gabola	pegador	pegador
61	galinha	rodada	vassourinha	acesa	adúltera	vagabunda, piriguete	louca	rodada

Recebido Para Publicação em 05 de fevereiro de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de março de 2017.